



88050233

PORTUGUESE A1 – HIGHER LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A1 – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A1 – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1

Friday 18 November 2005 (afternoon)
Vendredi 18 novembre 2005 (après-midi)
Viernes 18 de noviembre de 2005 (tarde)

2 hours / 2 heures / 2 horas

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a commentary on one passage only.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez un commentaire sur un seul des passages.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario sobre un solo fragmento.

Faça o comentário de **um** dos textos seguintes:

1. (a)

A VOSSA RUDE BÊNÇÃO

Quem foi que disse que os poetas são pálidos
reis sem trono? Quem foi que disse que
os versos se compõem com luar e estrelas
de mãos desocupadas impotentes?

5 Há poetas
que esgravatam seus versos nos caixotes do lixo
nas vazias ruas da madrugada antes que os cães
acordem a disputar a presa

10 há também os que
os talham à faca em corno ou osso ou casca de árvore
ou cana de canavial
e há os que os fazem de barro
ou pedra ou água
de lágrimas cuspo ou ranho

15 da baba subtil do sonho
Quem foi que disse
que as palavras não ferem?

Então os dedos
os dentes as unhas a língua para que servem
20 senão para talhar seu fogo em lâmina?

Marinheiro dos rumos tresnoitados
guarda-nocturno das gatas aluadas
limpa-chaminés das alvoradas
sem nada com as estrelas a balbuciar

25 de frio
cavador de ervas maninhas
filhas de pai incógnito ordenhador
das cabras mais bravias pastor da fome
de gados emigrantes velho carreiro

30 a abalar de madrugada
o bafo das bestas
a sulcar o frio a estrela da manhã
um copo de aguardente
barqueiro do meu rio

35 de antigamente contrabandista da raia
nu a nado
a vossa rude bênção
meus padrinhos!

Teresa Rita Lopes, *Afectos* (2000) Portugal

1. (b)

D. Apolónia, depois de o olhar alguns momentos, virou-se rápida para o filho, puxando-o com violência por um braço.

– Estou farta de te dizer... Estás a ouvir...? – e ameaçava-o com a mão livre.

E se ela se virar para mim, pensava angustiado o Zeca. Mas ela não é minha mãe. Não tem
5 nada de me bater.

– E tu também... Andas pr'aí todo sujo... e cada vez mais escuro – voltara-se finalmente para ele e olhava-o intensamente.

– É que a minha mãe... disse que eu apanho muito sol – titubeou enfiado.

– O que a tua mãe disse... com que então andas muito ao sol... – ela tinha a voz rouca e
10 abanava a cabeça. O buço parecia mais negro e sob as sobrancelhas espessas e ruças os olhos tinham um brilho afiado.

O que a tua mãe disse... Pois fica sabendo... Tu és escuro porque és mulato. Descendes dos negros! – estas últimas palavras foram batidas com violência, atiradas como pedras.

Amorrinhado pelo sol, o Zeca ouviu-a passivamente, baixando a cabeça. De súbito o ruído
15 de uma porta ao fechar-se sobressaltou-o e ele pareceu acordar. Teria sido um sonho? Como aquela voz parecia vir de longe... Fora para ele que ela tinha dito aquilo? Por quê? Mirou com atenção os braços sem compreender. Tinham um som castanho, pardo, que escurecia na articulação do cotovelo quando os dobrava. Que tinha aquilo de mal? Salvo ligeiras gradações eram quase da mesma cor que os da maior parte dos seus companheiros. O Zito até era mais
20 escuro que ele e tinha o cabelo liso e brilhante. Mas a minha mãe tem o cabelo crespo e a sua cor é também igual à minha, refletiu melhor o Zeca. Mas mesmo assim parecia-lhe igual às outras mães do Kinaxixe. Mas as palavras da mãe do João José continham uma intenção desconhecida que o deixava perturbado. Olhou à volta. Tudo continuava impiedosamente iluminado por um sol ardente.

25 Os carpinteiros da Bricon serravam maquinalmente e de vez em quando agachavam-se como para limpar a serradura ou escutar. Os serventes caminhavam em todas as direções transportando padiolas de cimento para as obras em construção do Bairro do Cruzeiro. Sujos e calados caminhavam lentamente e os ruídos fluíam e plasmavam-se aos seus movimentos cansados. As coisas e os homens comungavam numa expectativa de vencidos sem esperança.

30 De repente o Zeca sofreu o impacto de uma suspeita e enrubescou. Descendes dos negros! A frase emergiu com ímpeto e ficou a boiar em frente dos seus olhos atónitos, cegos de luz. Forcejou por levantar-se e correr para casa. Era preciso perguntar se aquela suspeita era verdade e por que é que era assim. Sim, porque a mãe devia sabê-lo, podia sabê-lo. Não. Ela não devia saber. Ela também lhe proibia a companhia dos meninos negros... Ela não queria saber.

Arnaldo Santos, *A Mulher do Padeiro* (adapt), (1981) Angola